



The World's Largest Open Access Agricultural & Applied Economics Digital Library

This document is discoverable and free to researchers across the globe due to the work of AgEcon Search.

Help ensure our sustainability.

Give to AgEcon Search

AgEcon Search

<http://ageconsearch.umn.edu>

aesearch@umn.edu

*Papers downloaded from **AgEcon Search** may be used for non-commercial purposes and personal study only. No other use, including posting to another Internet site, is permitted without permission from the copyright owner (not AgEcon Search), or as allowed under the provisions of Fair Use, U.S. Copyright Act, Title 17 U.S.C.*

No endorsement of AgEcon Search or its fundraising activities by the author(s) of the following work or their employer(s) is intended or implied.

EVOLUÇÃO E CONTRIBUIÇÃO DO COMÉRCIO INTRA-INDÚSTRIA PARA O CRESCIMENTO DO COMÉRCIO TOTAL ENTRE BRASIL E ARGENTINA

ADRIANA FERREIRA SILVA; ORLANDO MONTEIRO DA SILVA; VIVIANI SILVA LIRIO;

UNIVERSIDADE FEDERAL DE VIÇOSA

VIÇOSA - MG - BRASIL

adrianaufv@hotmail.com

APRESENTAÇÃO SEM PRESENÇA DE DEBATEDOR

COMÉRCIO INTERNACIONAL

Grupo de trabalho:

Apresentação em sessão sem debatedor

ABSTRACT: This study analyzes the evolution of the intra-industry trade (IIT) as well as its contribution to the growth of the commercial flow between Brazil and Argentina over the period from 1990 to 2004. The procedures proposed by Menon and Dixon (1995 and 1997) were adopted in order to evaluate the flow of the intra-industry trade and its contribution to the growth of the total trade between these countries. For many sectors, the results pointed out that the trade between Brazil and Argentina, that were before characterized by commercial relationships of the inter-industry type became characterized by commercial intra-industries flows after the constitution of Mercosul. But, yet there is much productive specialization between these economies, on such a way that the contribution of the intra-industry trade to the total trade showed to be inferior to the contribution of the inter-industry trade during most periods.

KEYWORDS: Mercosul, intra-industry trade, commercial flow.

Evolução e Contribuição do Comércio Intra-indústria para o Crescimento do Comércio Total entre Brasil e Argentina

GRUPO DE PESQUISA : 3 - Comércio Internacional

RESUMO: O presente trabalho analisa a evolução do Comércio Intra-Indústria (CII), bem como, sua contribuição para o crescimento do fluxo comercial entre o Brasil e Argentina, no período de 1990 a 2004. Os procedimentos propostos por Menon e Dixon (1995 e 1997), foram adotados para avaliar o fluxo do comércio intra-indústria e a sua contribuição para o crescimento do comércio total entre os países. Os resultados indicaram que, para muitos setores, com a formação do Mercosul, o comércio entre Brasil e Argentina, antes caracterizado por relações comerciais do tipo interindústria passaram a ser caracterizados por fluxos comerciais intra-indústrias. Ainda há muita especialização produtiva entre essas economias, de tal forma que a contribuição do comércio intra-indústria para o comércio total, na maioria dos períodos, mostrou-se inferior a contribuição do comércio interindústria.

PALAVRAS-CHAVE: Mercosul, comércio intra-indústria, fluxo comercial.

1. Introdução

Estudos realizados por Romer e Lucas, na década de 1980, relacionaram o comércio internacional com o crescimento econômico e o desenvolvimento a longo prazo. Tais estudos resultaram na teoria do crescimento endógeno, que afirma que a redução das barreiras comerciais agilizará o crescimento econômico e o desenvolvimento no longo prazo, na medida em que mudanças tecnológicas endógenas criem externalidades que superem qualquer propensão à obtenção de rendimentos decrescentes (SALVATORE, 2000).

Assim, a integração econômica entre os países em desenvolvimento pode ser vista, como uma alternativa para viabilizar o desenvolvimento, que seria irrealizável na dimensão individual com um mercado doméstico restrito e com recursos limitados para a ação do Estado.

A redemocratização da Argentina, em 1983, e a do Brasil, em 1985, foram responsáveis por novas relações entre os dois países, que se intensificariam cada vez mais, com o Tratado de Integração, Cooperação e Desenvolvimento Brasil-Argentina, firmado em 1988, e que previa, em um prazo máximo de dez anos, a completa liberalização do comércio de bens e serviços entre os dois países.

Em agosto de 1990, Paraguai e Uruguai foram convidados a integrar-se. Com isso, em março de 1991, foi assinado o Tratado de Assunção, configurando-se como a primeira de várias etapas do processo de integração econômica dos países do Mercosul.

Segundo Guimarães (2000), um dos objetivos descritos no Tratado de Assunção refere-se ao aprimoramento da competitividade dos países-membro do Mercosul na economia mundial. Do ponto de vista normativo, o Mercosul está inserido em um projeto de regionalismo aberto, no qual a integração econômica é entendida como um veículo para que os países-membro aumentem suas participações no mercado mundial em seus segmentos de maior dinamismo. Como a competição internacional atual baseia-se fortemente em atributos extra preços, a concepção de integração regional aberta considera suporte tecnológico das empresas/setores como a principal variável que resume a competitividade setorial.

Em 1994 foi assinado o Protocolo de Ouro Preto onde se definiu a estrutura constitucional do Mercosul e o Bloco superou o estágio de área de livre comércio, transformando-se em União Aduaneira.

O início da União Aduaneira foi marcado por condições externas e internas conturbadas para os países do Mercosul, o que gerou sérias dificuldades de convergência entre os objetivos internos de cada país e a realidade enfrentada pelos demais. As medidas específicas tomadas por Brasil e Argentina para garantir a defesa de seus respectivos planos de estabilização econômica e controlar os efeitos da crise mexicana, mostravam-se mais importantes em relação à integração. Apesar das dificuldades enfrentadas nos anos de 1995 e 1996, o processo de integração do Mercosul manteve seu percurso.

O ano de 1999 foi crítico para a integração do Mercosul. A forte desvalorização do Real, a mudança do regime cambial brasileiro e a recessão econômica no Brasil e na Argentina impuseram graves dificuldades de convergência das políticas entre os países. A desvalorização da moeda brasileira criou uma situação de desequilíbrio comercial entre o Brasil e os demais membros do Bloco. Muitos destes países chegaram a acreditar que os produtos brasileiros iriam invadir totalmente seus mercados, passando a exigir a adoção de salvaguardas ao comércio intrazona.

A mudança no regime cambial brasileiro abalou as relações entre as duas maiores economias do Mercosul, Brasil e Argentina, iniciando a partir de então uma escala protecionista que se justificaria segundo determinados segmentos produtivos da Argentina, em razão dos danos que a desvalorização do Real poderia provocar. Dentre as principais medidas adotadas, podem-se destacar as exigências de licenciamento para importação de calçados, bem como de etiquetagem destes produtos; aplicação de cláusulas de salvaguarda sobre as importações de alguns tipos de tecidos de algodão originários do Brasil; restrições às importações de papel e a instituição da Resolução 911, que facultava a imposição de medidas de salvaguarda unilaterais para qualquer produto proveniente do Mercosul (MACHADO e RIBEIRO, 1999).

Entre 1999 e 2003, o processo de desaceleração da atividade econômica no Brasil e na Argentina, fenômeno explicado pelos persistentes desequilíbrios macroeconômicos no Brasil e pela crise da Argentina, culminaram com a desvalorização da moeda argentina em 2002 e causou grande queda dos fluxos comerciais bilaterais entre as duas principais economias do Mercosul. A sequência de crises - inclusive com as mudanças de regime cambial, no início de 1999, no Brasil, e em fins de 2001, na Argentina - passaram a gerar divergências de opiniões sobre o Bloco. As mais otimistas falavam em retrocesso do processo de integração e as mais pessimistas previam o fim do Mercosul (SICA, 2004).

Diante desse contexto, segundo Correa (2003), o comércio intra-regional teria mostrado um desempenho ainda mais relevante na década de 1990 não fossem os efeitos gerados pelas crises financeira e cambial iniciadas em meados de 1997, em países da Ásia, e, posteriormente, em 1998, na Rússia. Além de reduzir drasticamente a liquidez financeira

internacional, importante para o processo de estabilização de países como o Brasil e de outras economias emergentes da América Latina, essas crises contribuíram para a desaceleração da economia e do comércio mundiais. No âmbito interno, é interessante destacar o vigoroso ajuste na economia, levado a efeito nas áreas fiscal, monetária e cambial, devido a situação externa.

Lírio e Campos (2003) mostraram que uma das características mais marcantes do processo de estruturação do Mercosul foi o expressivo aumento dos fluxos de comércio intrazona, que decorreu, em grande medida, do aprofundamento das preferências comerciais arquitetadas pelos países-membro do grupo.

Ao mesmo tempo, o comércio intra-indústria, que se configura em fluxos de bens com intensidades de fatores semelhantes, vem tendo, particularmente, significativo papel no comércio de bens manufaturados entre os países avançados industrialmente, respondendo pela maior parte do comércio mundial. No decorrer dos anos, os países industrializados têm-se tornado crescentemente semelhantes em seus níveis de tecnologia e na disponibilidade de capital e trabalho qualificado. Uma vez que as principais nações que se tornam parceiras comerciais vêm-se tornando similares em tecnologia e recursos, normalmente não há vantagens comparativas claras dentro de uma indústria. Ao mesmo tempo têm ocorrido trocas em duas vias entre as indústrias – provavelmente dirigidas em grande parte pelas economias de escala – em vez da especialização interindústrias conduzida pelas vantagens comparativas (KRUGMAN e OBSTFELD, 1999).

Segundo Hidalgo (1993), conhecer de forma mais precisa o comércio intra-indústria é de suma importância para a definição da melhor estratégia de política comercial, principalmente num momento em que se esboça no cenário do internacional um mundo formado por blocos econômicos, em que o fluxo de comércio entre os países é caracterizado por um crescente comércio intra-indústria.

Em face disso, o presente trabalho avalia a evolução e a participação do comércio intra-indústria no fluxo comercial total entre Brasil e Argentina, por capítulos da NCM (Nomenclatura Comum do Mercosul), buscando explicar as alterações ocorridas no período de 1990 a 2004.

2. Metodologia

O comércio intra-industrial corresponde à existência de exportações e importações de bens minimamente similares, de modo a pertencerem a mesma classificação industrial. Embora esse padrão de comércio já fosse empiricamente constatado desde o final dos anos 60, apenas a partir de trabalhos desenvolvidos ao longo da década de 1980 foi possível explicar a troca de produtos entre países que detinham dotação de fatores, gostos e tecnologias semelhantes (CORREA e LOES, 1994).

O CII foi inicialmente, medido por BALASSA (1966), em valores absolutos, utilizando uma medida de exportações líquidas $|X - M|$, que, quando tomada como uma fração do comércio total $(X + M)$, representaria a proporção do CII de determinada indústria. GRUBEL (1967), no entanto, alegou que a medida proposta por BALASSA (1966) indicaria provavelmente mais uma medida de comércio interindústria ou o tipo de comércio proposto pelo teorema de Heckscher-Ohlin.

O índice GL de GRUBEL e LLOYD (1975), assume a expressão $|X - M|$ como medida de comércio inter-indústria e propõe como medida do comércio intra-indústria a diferença entre o comércio total e o comércio interindústria $(X + M) - |X - M|$. Essa diferença tomada como uma proporção do comércio total representaria a participação do CII

para dada indústria. O índice de CII do país i com o país j (j=1,..., m), para a indústria k (k=1, ..., n), seria expresso segundo a expressão abaixo:

$$GL_{ijk} = 1 - \frac{|X_{ijk} - M_{ijk}|}{(X_{ijk} + M_{ijk})} \quad (1)$$

em que X representa exportações e M importações, i, j, e k representam o país de origem, o de destino e o setor da economia, respectivamente. O Quadro 1 resume as explicações associadas a esse índice:

Quadro 1 – Padrões de comércio segundo a dotação de fatores

$GL_{ijk} = 1$	Todo o comércio é intra-industrial. Logo, os dois países apresentam idêntica dotação de fatores. O comércio, nesta indústria, decorre dos efeitos das economias de escala e da diferenciação de produtos.
$GL_{ijk} = 0$	Todo o comércio é interindustrial, e os países diferem em suas dotações de fatores e inexistem efeitos das economias de escala e diferenciação de produtos.
$0 < GL_{ijk} < 1$	A dotação de fatores é distinta e inexistem efeitos das economias de escala e diferenciação de produtos, tal que: Se $GL_{ijk} > 0,5$, predomina o comércio intra-industrial. Logo, os efeitos das economias de escala e da diferenciação de produtos compensam os efeitos associados com as diferenças na dotação relativa dos fatores. Se $GL_{ijk} \leq 0,5$, predomina o comércio inter-industrial. Então, os efeitos das economias de escala e da diferenciação de produtos são compensados pelos efeitos associados com as diferenças na dotação relativa dos fatores.

Fonte: Silva e Ilha (2004).

Hamilton e Kniest (1991) argumentam que o índice GL é uma mensuração estática, que captura somente o CII em certo tempo. Entretanto, o relevante não seria quanto o CII tem crescido, mas sim o quanto desse crescimento tem contribuído para o comércio total. Os autores argumentam que a observação de uma alta proporção do CII em determinado período do tempo não justifica *a priori* nenhuma provável mudança no fluxo de comércio. Assim, a observação de um aumento no índice GL entre dois períodos do tempo (ΔGL) poderia ocultar uma alta e desigual mudança no fluxo de comércio, condizente com o comércio interindústria (CEI) maior que o ajuste do CII.

Menon e Dixon (1995), preocupados com a mensuração do CII e da sua contribuição para a mudança no comércio total, decompõem o comércio total (CT) da indústria k entre o país i e o país j (ou um conjunto de países), em dado período de tempo, na soma do comércio intra-indústria (CII) e do comércio interindústria (CEI). O CII seria a parte do comércio total (CT), composto por mudanças que se equivalem nas importações e exportações, e o CEI seria

a parte do CT, que consiste na diferença entre as mudanças nas exportações e importações, de tal forma que:

$$CT_{ijk} = CEI_{ijk} + CII_{ijk}, \quad (2)$$

em que

$$CT_{ijk} = X_{ijk} + M_{ijk} \quad (3)$$

$$CEI_{ijk} = |X_{ijk} - M_{ijk}| \quad e, \quad (4)$$

$$CII_{ijk} = (X_{ijk} + M_{ijk}) - |X_{ijk} - M_{ijk}| \quad (5)$$

X_{ijk} e M_{ijk} , representam, respectivamente, as exportações e importações do produto k entre os países i e j . Assim, a taxa de crescimento do comércio total (ct_{ijk}), entre o país i e j para o produto k , em um dado período, seria:

$$ct_{ijk} = Ccei_{ijk} + Ccii_{ijk} \quad (6)$$

em que

$$Ccei_{ijk} = (1 - GL) \cdot cei_{ijk} \quad e, \quad (7)$$

$$Ccii_{ijk} = GL \cdot cii_{ijk} \quad (8)$$

com cei_{ijk} e cii_{ijk} , representando a mudança percentual do comércio inter-indústria (CEI) e do comércio intra-indústria (CII), respectivamente, naquele período e, GL indicando o índice de CII de Grubel e Lloyd. Assim, as equações (7) e (8) indicam as contribuições do crescimento do comércio interindústria ($Ccei$) e intra-indústria ($Ccii$) para o crescimento do comércio total.

O índice GL irá aumentar de um período para outro, quando $cii_{ijk} > cei_{ijk}$. Entretanto, o crescimento do CII pode ter uma contribuição relativamente menor para o crescimento do comércio total, ou seja:

$cii_{ijk} > cei_{ijk}$ implica um GL crescente,
mas, se $GL < cei_{ijk} / (cei_{ijk} + cii_{ijk})$ e
 $(cei_{ijk} + cii_{ijk}) > 0$,
então, $Ccii_{ijk} < Ccei_{ijk}$.

A simples mudança no índice GL pode até mesmo ser enganosa quando usada para inferir sobre a importância do crescimento do CII. Não se deve, assim, ater-se no crescimento do índice, mas na contribuição do comércio inter e intra-indústria para o crescimento do comércio total.

Outra questão considerada por Dixon e Menon (1997) refere-se ao deslocamento e ajuste dos fatores de produção, provocados pelo crescimento do comércio entre os países. Segundo estes autores, variações nas exportações e importações em maiores ou menores montantes podem ocasionar deslocamentos de fatores dentro ou fora de uma mesma indústria, o que poderá implicar diferentes custos de ajustes e, portanto, diferentes impactos para o crescimento do comércio total entre os países.

Segundo estes autores, as expressões (7) e (8) não devem ser empregadas para realização de tais análises, pois, conforme calculado anteriormente, $Ccii_{ijk}$ poderia superestimar a contribuição da mudança dinâmica do comércio intra-indústria, e $Ccei_{ijk}$, ao contrário, poderia subestimar a contribuição do crescimento do comércio interindústria (ou residual), dado por variações desproporcionais nas importações e exportações. Isso acontece porque no cálculo de $Ccii_{ijk}$ e $Ccei_{ijk}$, os fluxos comerciais são analisados de maneira estática, em determinado período de tempo, não permitindo captar realocações dos fatores dentro ou fora de uma indústria.

A forma mais adequada para captar a mudança no comércio total do bem k (ΔCT_k) e tais contribuições seria por meio das expressões a seguir:

$$\Delta CT_k = DCII_k + DCEI_k \quad (9)$$

em que:

$$DCII_k = 2 \min (\Delta X_k, \Delta M_k) \quad (10)$$

$$DCEI_k = \Delta X_k - \Delta M_k / \quad (11)$$

ΔX_k e ΔM_k representam respectivamente a variação dinâmica nas exportações e importações do produto k . Decompondo as expressões anteriores em medidas percentuais, tem-se:

$$Ct_k = Cdcii_k + Cdcei_k \quad (12)$$

em que:

$$Cdcii_k = 100(DCII_k / CT_k) \quad (13)$$

$$Cdcei_k = 100(DCEI_k / CT_k) \quad (14)$$

Quando as exportações e importações se alteram (aumentam ou diminuem) de forma proporcional ($\Delta X_k = \Delta M_k$), os fatores de produção utilizados nas indústrias tendem a se deslocar dentro de indústrias semelhantes, ou pelo menos próxima. Tal fato representa a parcela do crescimento no comércio total (Ct_k) composto pela contribuição dinâmica no CII ($Cdcii_k$) e implica menores custos de ajuste dos fatores.

Ao contrário, quando as exportações e importações são modificadas de forma desproporcional ($\Delta X_i \neq \Delta M_i$), por exemplo, um fluxo aumenta e outro não, ou ambos aumentam ou reduzem de forma diferente, gera-se um resíduo de comércio, e o resultado desse resíduo será a realocação de fatores dentro ou fora de uma mesma indústria ($Cdcei_k$), que poderá levar à mudanças na produção e a maiores custos de ajuste dos fatores entre as indústrias.

Diante disso, quanto maior a contribuição do comércio referente à mudança dinâmica no CII ($Cdcii_k$), (composto pela parcela de mudanças semelhantes nas exportações e importações), menores serão os resíduos e, portanto, menores os custos de ajuste de fatores nas indústrias, facilitando o comércio e possibilitando sua expansão entre os países. De forma oposta, quanto maior a parcela do crescimento do comércio total representada pela parcela de mudanças “residuais” nas importações/exportações, dados pelo CEI ($Cdcei_k$), maiores serão os custos de ajuste e, portanto, maiores as dificuldades e os entraves no intercâmbio comercial entre os países.

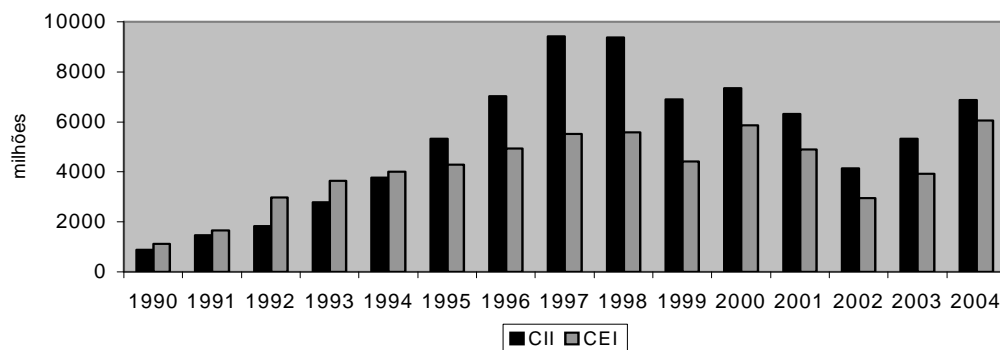
2.1. Fonte de Dados

Os dados utilizados neste trabalho dizem respeito às exportações e importações anuais entre Brasil e Argentina, em milhões de dólares FOB. Os dados dos diversos setores da economia de cada um dos países foram classificados segundo a Nomenclatura Comum do Mercosul (NCM), no período de 1990 a 2004. Todos os dados foram obtidos no *site* do Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio (www.mdic.gov.br).

3. Resultados

3. 1. Evolução do fluxo comercial entre Brasil e Argentina

A evolução do comércio inter e intra-industrial entre Brasil e Argentina é mostrado na Figura 1. Constata-se que, entre 1990 e 1994, tanto o comércio inter-indústria (CEI) quanto o comércio intra-indústria (CII) mantiveram tendência de crescimento, com o CEI apresentando tendência superior ao do comércio intra-indústria. A partir de 1995, esse padrão foi revertido, com o CII exibindo valores sempre superiores aos do CEI. Tal resultado sugere que o intercâmbio bilateral entre Brasil e Argentina foi beneficiado pela formação do Bloco e eliminação de barreiras comerciais.



Fonte: Dados da pesquisa.

Figura 1 - Fluxos de comércio inter e intra-indústria entre Brasil e Argentina.

Após anos de crescimento contínuo, os fluxos de comércio inter e intra-indústria, apresentaram uma queda em 1999, quando a moeda brasileira foi fortemente desvalorizada e a Argentina enfrentou sérios problemas com a recessão. Este impacto foi mais forte no CII, que caiu de um montante de US\$ 9 milhões em 1998 para US\$ 6 milhões em 1999, contra uma queda no comércio interindústria de US\$ 5 milhões em 1998 para US\$ 4 milhões em 1999. Desde então, o fluxo de comércio total entre Brasil e Argentina continuaria caindo, variando de intensidade entre os setores e voltando a crescer somente a partir de 2003.

Os valores do índice GL para o comércio entre Brasil e Argentina, são apresentados na Tabela 1.

Os índices para o fluxo de comércio total Brasil/Argentina variaram entre 0,38 e 0,63 ao longo de todo o período analisado. Até 1994, ano da efetiva formação do Mercosul, o índice manteve-se abaixo de 0,50, predominando, portanto, a presença do comércio inter-indústria. Entretanto, a partir de 1995 o índice passou a apresentar valores maiores, que tenderiam a se manter até 1998. No início de 1999, com a desvalorização cambial no Brasil e a recessão da economia argentina a partir da segunda metade de 1998, o índice apresentou reduções.

Tabela 1 - Índices de comércio intra-indústria entre Brasil e Argentina

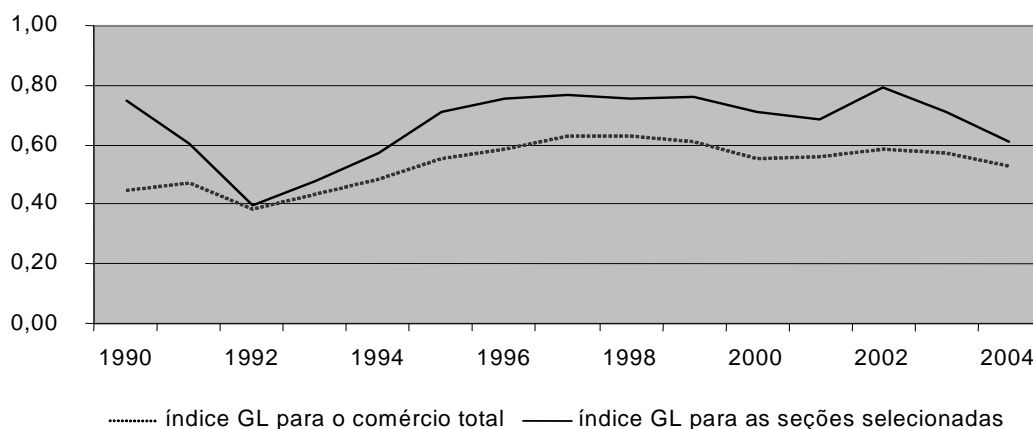
Seções	1990	1991	1992	1993	1994	1995	1996	1997	1998	1999	2000	2001	2002	2003	2004
I	0,03	0,18	0,69	0,97	0,50	0,22	0,37	0,44	0,53	0,44	0,49	0,71	0,22	0,69	0,60
II	0,08	0,16	0,15	0,15	0,15	0,15	0,14	0,19	0,13	0,15	0,13	0,10	0,09	0,10	0,11
III	0,09	0,09	0,16	0,14	0,07	0,16	0,19	0,06	0,04	0,05	0,05	0,22	0,06	0,17	0,16
IV	0,57	0,69	0,41	0,29	0,49	0,99	0,97	0,98	0,85	0,96	0,74	0,66	0,87	0,90	0,88
V	0,38	0,66	0,98	0,52	0,49	0,33	0,26	0,25	0,40	0,32	0,23	0,34	0,29	0,33	0,37
VI	0,91	0,87	0,68	0,54	0,58	0,59	0,69	0,69	0,72	0,81	0,81	0,85	0,85	0,81	0,83
VII	0,96	0,53	0,44	0,39	0,50	0,74	0,76	0,65	0,74	0,73	0,80	0,97	0,79	0,93	0,95
VIII	0,01	0,02	0,04	0,04	0,04	0,04	0,09	0,06	0,11	0,16	0,18	0,19	0,24	0,18	0,20
IX	0,34	0,44	0,05	0,05	0,10	0,72	0,89	0,98	0,70	0,54	0,76	0,68	0,51	0,47	0,86
X	0,57	0,38	0,15	0,09	0,17	0,61	0,60	0,64	0,70	0,58	0,67	0,54	0,84	0,63	0,55
XI	0,38	0,89	0,60	0,68	0,95	0,75	0,80	0,87	1,00	0,98	0,78	0,73	0,99	0,42	0,50
XII	0,00	0,82	0,05	0,16	0,37	0,65	0,82	0,95	0,63	0,19	0,01	0,02	0,08	0,02	0,01
XIII	0,56	0,65	0,38	0,32	0,41	0,70	0,48	0,50	0,42	0,25	0,18	0,22	0,40	0,23	0,25
XIV	0,00	0,01	0,01	0,03	0,18	0,57	0,46	0,35	0,09	0,36	0,06	0,01	0,30	0,15	0,19
XV	0,00	0,37	0,13	0,18	0,15	0,29	0,34	0,34	0,40	0,43	0,42	0,50	0,88	0,64	0,38
XVI	0,95	0,69	0,42	0,42	0,46	0,76	0,61	0,67	0,60	0,57	0,48	0,59	1,00	0,53	0,38
XVII	0,95	0,59	0,40	0,69	0,80	0,86	0,96	0,91	0,87	0,95	0,93	0,69	0,58	0,76	0,56
XVIII	0,00	0,99	0,41	0,33	0,24	0,45	0,52	0,41	0,47	0,50	0,85	1,00	0,88	0,96	0,99
XIX	0,00	0,00	0,00	0,12	0,60	0,46	0,48	0,29	0,19	0,15	0,11	0,12	0,17	0,09	0,12
XX	0,64	0,66	0,11	0,11	0,17	0,76	0,75	0,65	0,63	0,28	0,18	0,16	0,54	0,29	0,15
XXI	0,25	0,00	0,96	0,00	0,96	0,71	0,44	0,07	0,06	0,02	0,01	0,00	0,00	0,00	0,00
TOTAL	0,44	0,47	0,38	0,43	0,48	0,55	0,59	0,63	0,63	0,61	0,56	0,56	0,58	0,58	0,53
seções*	0,75	0,61	0,39	0,48	0,57	0,71	0,76	0,77	0,76	0,76	0,71	0,68	0,79	0,71	0,61

Fonte: Dados da Pesquisa.

*Seções selecionadas considerando-se os setores manufaturados e semimanufaturados, através das seções IV a XVII (exceto as seções V, IX, XIII e XIV).

O aumento ocorrido no índice, desde 1995, foi o suficiente para que o comércio total entre Brasil e Argentina passasse a ser caracterizado como do tipo intra-indústria até o final do período, mesmo diante de pequenas quedas após 1998.

Vale ressaltar, como mostrado na Figura 2, que os índices GL, calculados para as seções selecionadas¹ que agregam atividades industriais mais complexas, tendem a apresentar valores mais altos que aqueles calculados para o fluxo de comércio total que envolve todos os setores (manufaturados ou não). Isso ocorre porque o comércio intra-indústria baseia-se no comércio de bens semelhantes entre os países, o que requer diferenciação e, portanto, algum grau de industrialização do produto, que, por sua vez, tende a aumentar quanto mais diferenciado for este.



Fonte: Dados da Pesquisa.

Figura 2 - Evolução dos índices de comércio intra-indústria entre Brasil e Argentina, para o fluxo de comércio total e das seções selecionadas.

Analisando as seções de forma desagregada, verificam-se tendências distintas ao longo dos anos. Das 21 seções consideradas, somente a seção VI (produtos das indústrias químicas ou conexas) apresentou comércio estritamente intra-industrial, com índices variando entre 0,54 e 0,91. Após 1998, os índices encontrados para essa seção mantiveram valores acima de 0,80, indicando, portanto, a predominância do comércio intra-industrial. As seções XI (materiais têxteis e suas obras) e XVII (materiais de transporte) também apresentaram índices predominantemente acima de 0,5, com exceção dos anos de 1990 e 2000, para a seção XI, e de 1992, para a seção XVII.

De forma contrária, as seções II (produtos do reino vegetal), III (gorduras e óleos animais ou vegetais) e VIII (peles, couros e obras destas matérias) exibiram índices inferiores a 0,5 ao longo de todo o período, com valores que não ultrapassaram, na grande maioria dos anos, 0,20, revelando, portanto, um fluxo comercial estritamente inter-indústria. As seções XIV (pérolas naturais ou cultivadas, pedras preciosas ou semi-preciosas e semelhantes) e XIX (armas e munições) também exibiram índices predominantemente abaixo de 0,5, com exceção de um ano em cada caso.

As seções IX (madeira, carvão vegetal e obras de madeira) e X (pastas de madeira ou de matérias fibrosas celulósicas), que até 1994 exibiram, predominantemente, índices inferiores a 0,5, apresentaram valores no ano de 1995 suficientes para que o comércio nessas

¹ As seções selecionadas envolvem as seções IV a XVII (exceto V, IX, XIII e XIV).

seções passasse a ser considerado como do tipo intra-indústria. A seção XVIII (instrumentos e aparelhos de ótica, fotografia ou cinematografia; instrumentos e aparelhos médico-cirúrgicos, etc.) também exibiu valores mais elevados do índice GL, mas esse aumento deu-se a partir do ano 2000, com valores acima de 0,85, indicando a predominância do comércio intra-industrial.

Já as seções V (produtos minerais), XIII (obras de pedra, gesso e cimento), e XXI (objetos de arte), após grande variação nos valores do índice GL, no início do período, passaram a apresentar, a partir de 1995, tendência decrescente, o que levou a caracterizar o comércio nessas seções como sendo do tipo interindústria.

Nas seções selecionadas, que considerou as seções que agregam os setores manufaturados e semimanufaturados, verificou-se que, após um início indefinido no padrão de comércio, entre 1990 e 1994, o índice GL passou a apresentar tendência estável nos valores, mantendo-se na maioria dos anos acima de 0,70. As demais seções (I, VII, XII, XV, XVI, e XX) mostraram oscilações no índice ao longo de todo o período, não caracterizando, portanto, nenhum padrão específico de comércio.

Em síntese, pode-se dizer que o padrão de comércio total entre Brasil e Argentina apresentou-se predominantemente do tipo intra-industrial, após a formação do Mercosul, em 1994. O número de seções, com o comércio classificado como intra-indústria, foi mantido em torno de nove no final do período. Várias seções apresentaram padrão de comércio indefinido.

3.2. Contribuição do Comércio Inter e Intra-Indústria para o Crescimento do Fluxo de Comércio

Visando captar os impactos dos diversos choques e crises econômicas por que passaram Brasil e Argentina, o período total foi subdividido em três subperíodos: o primeiro, de 1990 a 1994, representa a etapa de implantação do Mercosul; o segundo, de 1995 a 1999, quando o Bloco passa de Área de Livre Comércio para União Aduaneira, e ao mesmo tempo a moeda brasileira sofreu forte desvalorização; e o terceiro, de 2000 a 2004, período em que a Argentina enfrentou profunda recessão econômica e o Bloco sofreu com divergências de objetivos entre seus membros.

Os resultados apresentados na Tabela 2 indicam a real contribuição do comércio inter e intra-indústria para o crescimento do comércio total entre Brasil e Argentina, ao longo dos subperíodos selecionados. Os valores foram calculados de acordo com as equações (13) e (14), descritas na metodologia, e estão expressos em percentuais.

Tabela 2 - Contribuição do comércio inter e intra-indústria para o crescimento do fluxo de comércio entre Brasil e Argentina. Valores percentuais.

Seções	1990-94			1995-99			2000-04		
	Ccii	Ccei	cti	Ccii	Ccei	Cti	Ccii	Ccei	cti
I	85,60	-10,19	75,41	19,96	-23,89	-3,92	-24,25	-35,06	-59,31
II	21,02	67,84	88,86	-0,81	-4,47	-5,28	-4,24	-16,94	-21,18
III	25,49	374,34	399,83	-7,90	91,85	83,96	-1,57	-77,24	-78,81
IV	121,77	140,60	262,37	-11,16	2,25	-8,91	1,82	-15,51	-13,70
V	236,48	224,34	460,82	-5,67	-7,90	-13,57	6,34	-26,03	-19,70

VI	42,50	88,60	131,10	51,16	-14,79	36,37	37,62	4,37	41,98
VII	170,63	257,63	428,26	10,73	4,51	15,24	62,72	-12,01	50,70
VIII	10,81	176,73	187,54	10,72	-22,80	-12,08	-5,67	-31,71	-37,38
IX	16,18	384,93	401,11	27,53	57,08	84,61	-7,58	-12,89	-20,47
X	-3,16	208,69	205,53	11,50	11,89	23,39	-28,48	-1,25	-29,73
XI	523,91	-32,31	491,60	48,47	-21,73	26,74	-32,58	22,15	-10,44
XII	-	911,74	1514,09	-33,72	103,33	69,61	-0,73	-16,57	-17,30
XIII	79,29	150,44	229,74	-41,58	55,36	13,78	2,29	-20,25	-17,96
XIV	-	402,69	509,71	16,87	87,44	104,31	21,53	20,39	41,92
XV	102,74	481,68	584,42	19,85	-7,05	12,80	5,42	19,19	24,61
XVI	102,64	223,78	326,42	-0,89	32,48	31,58	-10,79	7,93	-2,86
XVII	973,40	259,86	1233,26	44,65	-6,91	37,75	-32,29	40,59	8,30
XVIII	-	251,12	359,78	56,72	46,97	103,70	5,99	-13,71	-7,72
XIX	-	-71,16	-27,71	-22,70	76,15	53,45	-0,55	-9,83	-10,39
XX	119,88	894,87	1014,75	-42,25	65,54	23,29	-9,31	-34,12	-43,42
XXI	1383,42	-18,78	1364,65	-43,99	1444,46	1400,47	-0,56	-61,13	-61,69
Total	143,73	144,36	288,09	16,39	1,21	17,60	-3,57	1,48	-2,09
Seções	218,39	192,87	411,25	25,57	2,22	27,79	-4,35	14,34	9,99

Fonte: Dados da pesquisa.

*seções selecionadas, considerando-se os setores manufaturados e semimanufaturados, através das seções IV a XVII (exceto as seções V, IX, XIII e XIV).

Entre 1990 e 1994, a redução da inflação argentina e a implementação do Plano Cavallo proporcionaram aumento na renda da população, o que contribuiu para uma taxa de crescimento de 288,08% no fluxo de comércio total entre Brasil e Argentina. Desse total, o CEI contribuiu com 144,36%, enquanto a contribuição do CII foi de 143,73%. Assim, naquele subperíodo, cada tipo de comércio contribuiu com 50% para a taxa de crescimento do comércio total.

Analizando de forma desagregada as seções da NCM, constatou-se que somente a seção XIX apresentou taxa negativa do fluxo de comércio (-27,11%). As seções XII, XVII, XX, XXI apresentaram as maiores taxas de crescimento do fluxo de comércio, mantendo valores acima de 1000%. As demais apresentaram taxas de crescimento positivas (acima de 131%), com exceção da seção I e da II, que exibiram taxas de crescimento de 75,40% e 88,85%, respectivamente.

A seção X foi a única que apresentou contribuição negativa do CII (-3,16%), com as demais contribuindo de forma positiva e superior a 10%. Quanto à contribuição do CEI, as seções I, XI, XIX, e XXI apresentaram contribuições negativas para o crescimento do comércio total.

Considerando as seções selecionadas, que abrangem os setores manufaturados e semimanufaturados, verificou-se crescimento no fluxo de comércio (411,25%) maior que o crescimento no fluxo de comércio total (288,09%). O CII contribuiu com 218,39% e o CEI, com 192,87%.

O comércio total entre Brasil e Argentina, para o subperíodo de 1995 a 1999 manteve taxa de crescimento de 17,60%, porém, bem inferior ao período de 1990 a 1994 (288,09%). Nesse subperíodo, a contribuição do CII (16,39%) representou quase a totalidade do crescimento do fluxo total de comércio (93,10%), enquanto a contribuição do CEI (1,21%) significou apenas 6,87%.

Olhando individualmente as seções da NCM, constatou-se que somente as seções I, II, IV, V e VIII mantiveram taxas de crescimento do comércio negativas. As demais, com

exceção da VII, XIII e da XV, apresentaram taxas de crescimento positivas e superiores a 23%.

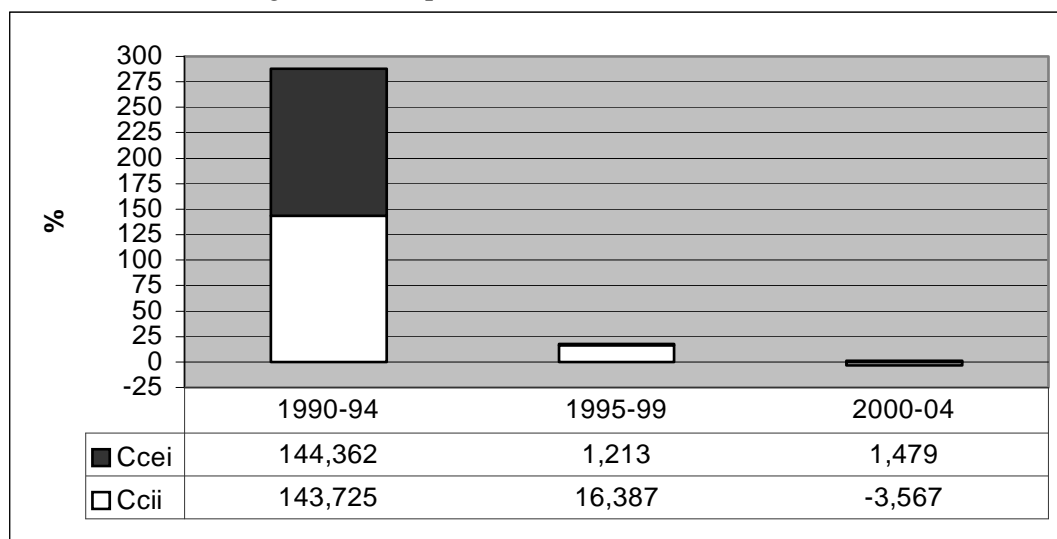
A taxa de crescimento para as seções selecionadas foi de 27,79%, portanto, acima da taxa de crescimento do comércio total (17,60%). O CII, novamente, representou maior contribuição para esse crescimento, ou seja, de 25,57%, enquanto o CEI foi responsável por uma pequena parcela de contribuição (2,22%). Isso representa apenas 7,98% da taxa de crescimento do fluxo total de comércio, contra 92,01% do CII.

No último subperíodo da análise, que compreende os anos de 2000 a 2004, verificou-se que, ao contrário dos anteriores, a taxa de crescimento do fluxo total de comércio foi negativa em 2,09%, sendo a contribuição do CEI positiva, de 1,48% e a contribuição do CII negativa, de 3,57%.

De forma contrária ao fluxo de comércio total, as seções selecionadas apresentaram taxa de crescimento positiva, em torno de 10%, sendo a contribuição do CII negativa em 4,35% e a contribuição do CEI positiva em 14,34%, compensando, assim, o efeito negativo do CII.

Analizando as seções da NCM, de forma desagregada, verificou-se que a contribuição tanto do CII quanto do CEI oscilou muito. É interessante ressaltar que a seção VII apresentou a maior contribuição do CII (62,72%) e a XVII exibiu a maior contribuição do CEI (40,59%).

De acordo com os resultados, pôde-se constatar que a taxa de crescimento do fluxo de comércio entre Brasil e Argentina, ao longo dos subperíodos selecionados, foi decrescendo, ao ponto de, no último subperíodo, tornar-se negativa, (Figura 3), com a predominância para a contribuição do comércio intra-indústria (Ccii) em relação a contribuição do comércio inter-indústria (Ccei) ao longo de todo o período.



Fonte: Dados da pesquisa.

Figura 3 - Taxa de crescimento no comércio Brasil-Argentina.

3.3. Mudança Dinâmica nos Fatores de Produção entre as Indústrias Decorrente do Comércio Inter e Intra-Indústria.

Os resultados mostrados na Tabela 3 foram obtidos por meio das expressões (13) e (14), e dizem respeito à contribuição dinâmica do CII e do CEI ao comércio total. Como pode ser observado, os valores das taxas de crescimento do comércio total entre Brasil e Argentina, para cada subperíodo, são iguais aos apresentados na Tabela 2.. Tal fato é inerente à metodologia empregada.

Tabela 3 – Contribuição do comércio dinâmico inter e intra-indústria para o crescimento do comércio total entre Brasil e Argentina. Valores percentuais

Seções	1990-94			1995-99			2000-04		
	Cdcii	Cdcei	Cti	Cdcii	Cdcei	Cti	Cdcii	Cdcei	cti
I	65,21	10,19	75,41	-27,81	23,89	-3,92	-94,37	35,06	-59,31
II	21,02	67,84	88,86	-9,75	4,47	-5,28	-38,12	16,94	-21,18
III	25,49	374,34	399,83	-7,90	91,85	83,96	-156,04	77,24	-78,81
IV	35,75	226,62	262,37	-11,16	2,25	-8,91	-49,62	35,93	-13,70
V	112,81	348,00	460,82	-21,47	7,90	-13,57	-45,73	26,03	-19,70
VI	42,50	88,60	131,10	21,58	14,79	36,37	37,62	4,37	41,98
VII	170,63	257,63	428,26	10,73	4,51	15,24	38,69	12,01	50,70
VIII	10,81	176,73	187,54	-34,88	22,80	-12,08	-69,09	31,71	-37,38
IX	-116,70	517,81	401,11	27,53	57,08	84,61	-55,24	34,77	-20,47
X	-90,13	295,66	205,53	11,50	11,89	23,39	-30,98	1,25	-29,73
XI	459,29	32,31	491,60	-1,21	27,94	26,74	-32,58	22,15	-10,44
XII	402,35	1111,74	1514,09	-102,99	172,59	69,61	-33,87	16,57	-17,30
XIII	-8,18	237,91	229,74	-41,58	55,36	13,78	-38,22	20,25	-17,96
XIV	-92,98	602,69	509,71	16,87	87,44	104,31	21,53	20,39	41,92
XV	102,74	481,68	584,42	5,75	7,05	12,80	5,42	19,19	24,61
XVI	92,36	234,06	326,42	-0,89	32,48	31,58	-10,79	7,93	-2,86
XVII	973,40	259,86	1233,26	30,84	6,91	37,75	-45,35	53,64	8,30
XVIII	-91,34	451,12	359,78	56,72	46,97	103,70	-21,43	13,71	-7,72
XIX	-156,55	128,84	-27,71	-22,70	76,15	53,45	-20,22	9,83	-10,39
XX	48,62	966,13	1014,75	-42,25	65,54	23,29	-77,54	34,12	-43,42
XXI	1345,87	18,78	1364,65	-102,67	1503,14	1400,47	-122,82	61,13	-61,69
total	228,97	59,11	288,09	7,31	10,29	17,60	-21,45	19,36	-2,09
Seções*	210,68	200,57	411,25	16,37	11,42	27,79	-8,00	17,99	9,99

Fonte: Dados da pesquisa.

*seções selecionadas, considerando-se os setores manufaturados e semimanufaturados, através das seções IV a XVII (exceto as seções V, IX, XIII e XIV).

Observa-se que o fluxo de comércio total entre Brasil e Argentina, no subperíodo de 1990 a 1994, apresentou uma taxa de crescimento positiva, superior a 280%. Da mesma forma, a taxa de crescimento do comércio total das seções selecionadas foi positiva e superior a 410%.

Olhando de forma desagregada as seções da NCM, constatou-se que, entre os anos de 1990-94, as seções IX, X, XIII, XIV, XVIII e XIX exibiram taxas decrescentes para o CII dinâmico, com contribuições também negativas para o crescimento do comércio total.

Os valores apresentados pelo CEI ou valor residual, além de serem sempre positivos, foram suficientes para compensar o efeito negativo do comércio dinâmico intra-indústria na maior parte das seções, e somente a seção XIX apresentou taxa negativa de crescimento (-27,71%).

Os resultados encontrados para os anos de 1995-99 indicaram que das 21 seções analisadas, as seções I, II, IV, V e a VIII exibiram taxas negativas de crescimento. Já o fluxo de comércio total e o conjunto das seções selecionadas, mostraram-se positivos em 17,60% e 27,79%, respectivamente. No entanto, esses valores foram bem inferiores aos do primeiro subperíodo.

Verificou-se aumento no número de seções com taxa de crescimento negativa para o CII dinâmico, que passaram de seis seções no primeiro subperíodo, para 13, no segundo, o que implica impactos negativos no custo de ajuste dos fatores.

Como ocorrido no primeiro subperíodo, a taxa alcançada pelo crescimento do comércio residual (CEI) compensou o efeito negativo do CII dinâmico para a maioria das seções, possibilitando que várias seções apresentassem taxas positivas de crescimento para o comércio total. As seções VI, VII, XVII e XVIII foram as que apresentaram maior contribuição positiva devido ao CII dinâmico (Cdcii), indicando que, nessas indústrias, o custo de deslocamento e ajuste dos fatores deu-se em níveis inferiores.

A alta taxa de crescimento na seção XXI deveu-se ao grande aumento no fluxo de exportações do Brasil em direção a Argentina, enquanto o fluxo de importações permaneceu em níveis bem menores.

Para o último subperíodo de análise, ao contrário do que ocorreu nos dois primeiros, a maior parte das seções apresentou taxa de crescimento negativa, e somente as seções VI, VII, XIV, XV e XVII mostraram taxas positivas de crescimento. Vale ressaltar que o crescimento do comércio das seções VI, VII e XIV apresentou maior parcela advinda do crescimento positivo no comércio CII dinâmico, indicando menores resíduos de comércio e, portanto, menores deslocamentos de fatores nas indústrias. Já as seções XV e XVII, apesar de também apresentarem taxas positivas, exibiram maiores taxas de contribuição do comércio residual ou CEI dinâmico. Nesse caso, os resíduos de comércio levam a deslocamentos dos fatores dentro ou fora de uma indústria, implicando maiores custos para a economia.

No período de 2000 a 2004, o fluxo de comércio total apresentou taxa de crescimento negativa de 2,09%, com a maior contribuição negativa referente ao comércio dinâmico intra-indústria (-21,45%). De forma contrária, o comércio para o conjunto de seções selecionadas apresentou crescimento positivo, próximo a 10%, com a parcela positiva do comércio residual (interindústria) mais que compensando o efeito negativo do crescimento do comércio CII dinâmico. O fluxo de importações nessas seções também sofreu retração, mas, em um ritmo bem inferior ao observado para o fluxo de comércio total.

O aumento no número de seções com contribuição negativa do CII dinâmico resultou em forte desaceleração do comércio total. Das 21 seções analisadas, apenas a VI, VII, XIV e a

XV apresentaram taxas positivas de crescimento do CII dinâmico, com as demais exibindo taxas negativas superiores a 10%.

Uma vez que, no último subperíodo, a grande maioria das seções apresentou contribuição negativa do comércio dinâmico intra-indústria, o oposto do ocorrido nos subperíodos anteriores, constatou-se que o comércio entre Brasil e Argentina foi marcado por mudanças desproporcionais nos fluxos de exportação e importação. Segundo Menon e Dixon, é essa desproporcionalidade que leva aos deslocamentos de fatores entre diferentes indústrias, elevando custos, e resultando em um fator de empecilho e entrave para o comércio entre os parceiros.

4. Conclusões

Os resultados encontrados neste trabalho confirmaram a hipótese de que a formação de blocos econômicos, como o Mercosul, é um fator relevante para o aumento nos índices de comércio intra-indústria entre os países membros. O acordo de integração entre os países do Cone Sul fez com que, no Brasil e na Argentina, muitos setores antes caracterizados por relações comerciais interindustriais passassem a ser caracterizados por relações intra-industriais, em função de um aumento no intercâmbio de produtos de uma mesma indústria, após a implementação do Mercosul.

Passado o choque da desvalorização na economia brasileira e com a economia argentina começando a mostrar sinais de recuperação, após a forte crise de 1999, um novo quadro de relativa normalidade começava a ser formar, propiciando uma retomada no crescimento do comércio entre os países.

Vale ressaltar que, por várias vezes, as oscilações nas relações comerciais entre Brasil e Argentina não contaram com a adoção de medidas internas condizentes aos problemas e acabaram representando mais um ponto de conflito do que de soluções. Como consequência, surgiu principalmente, na Argentina, um conjunto de setores produtivos com deficiências estruturais e competitivas, “sensíveis” à concorrência externa, que repercutiram negativamente no processo de integração entre os países do Bloco.

As grandes oscilações nos fluxos de exportação e importação acarretaram deslocamentos constantes dos fatores de produção entre diferentes indústrias, resultando em maiores custos de ajuste e, portanto, mais um entrave na expansão do comércio entre os parceiros do Mercosul.

O aumento no valor dos índices de comércio intra-indústria em várias seções e também o aumento no número de seções com índices GL acima de 0,50 indicaram diferenciações produtivas condizentes ao maior relacionamento intra-setorial multilateral, entre os membros do Mercosul.

Vale ressaltar que no período estudado, o Brasil consolidou-se como fornecedor de produtos de maior valor agregado e com viés industrial. Além dos índices exibirem padrão de comércio do tipo intra-industrial, o saldo bilateral do Brasil foi positivo para diversas seções, em vários anos, evidenciando o maior potencial competitivo da indústria brasileira nas seções que envolvem atividades industriais mais complexas.

A contribuição do tipo de comércio para o crescimento do comércio total variou bastante ao longo dos subperíodos. Enquanto no primeiro subperíodo (1990 a 1994) o comércio total cresceu a uma taxa superior a 200% com o comércio inter e intra-indústria contribuindo com parcelas praticamente iguais, no segundo subperíodo (1995 a 1999) verificou-se forte desaceleração no ritmo de comércio entre os parceiros do bloco, o que implicou taxa de crescimento bastante inferior, de 7,14% com o comércio interindústria contribuindo de forma negativa (-0,62%). Essa desaceleração foi ainda maior no terceiro

subperíodo (2000 a 2004), o que resultou em taxa de crescimento ligeiramente negativa de 0,12%, com o CII contribuindo negativamente com 2,27 e o CEI contribuindo positivamente com 2,16.

A forte desaceleração comercial ocorrida principalmente após 1998 foi responsável pelo aumento na disparidade produtiva entre Brasil e Argentina, impondo, muitas vezes, maiores custos de produção e novos padrões de intercâmbio na região, impedindo o fortalecimento e a ampliação das relações internas ao Bloco. Esse resultado difere da hipótese adotada no trabalho de que o comércio intra-indústria passaria a ter importância preponderante, contribuindo de forma significativa para a expansão do fluxo de comércio entre Brasil e demais membros do Mercosul.

Considerando que o intercâmbio de produtos semelhantes com mesma qualidade é bom indicador de similaridade industrial e de renda entre os países e que ambos dizem respeito ao esquema de integração regional, pode-se concluir que o processo de integração comercial tem falhado ou sido ineficiente.

5. Referências Bibliográficas

BALASSA, B. **Tariff Reductions and Trade in Manufactures Among the Industrial Countries.** *American Economic Review*. Vol. 56, 1966, n .3, p.466-473.

BAUMANN, R.; CANUTO, O.; CONÇALVES, R. **Economia Internacional. Teoria e Experiência Brasileira.** Rio de Janeiro: Editora Campus, 1998. 441p.

CORREA, P. G.; LOES, A. **Impactos Setoriais do Mercosul sobre a Indústria Brasileira: Uma Análise com Base no Padrão de Comércio.** Anais do Congresso de Economia da ANPEC, Florianópolis - SC, p. 313-332,1994.

CORREA, L. F. **O Comércio nos Países do Cone Sul**. MINISTÉRIO DAS RELAÇÕES EXTERIORES. Disponível em < <http://www.mre.gov.br>> capturado em 23 de setembro de 2003.

GRUBEL H.G.; JOHNSON H.G. **Nominal Tariff, Indirect Taxes and Effective Rates of Protection : The Common Market Countries 1959"**, *Economic Journal*, 1967, Dec., p. 761-776.

GRUBEL, H.; LLOYD, P. J. **Intra-Industry Trade**. Macmillan, London. 1975

GUIMARÃES, E. P. **Componente Tecnológico Comparativo das Exportações ao Mercosul e ao Resto do Mundo**. Textos para discussão, n. 765. Brasília, outubro 2000.

HAMILTON, C.; KNIEST, P. **"Trade Liberalisation, Structural Adjustment and Intra-Industry Trade: A Note"**. *Weltwirtschaftliches Archiv*, vol. 12, 1991. p. 356- 367.

HIDALGO, A. B. **Intercâmbio Comercial Brasileiro Intra-indústria: Uma Análise Entre Indústrias e entre países**. *Revista Brasileira de Economia*, V.1, n.2, abr./jun. 1993. p. 243-264.

KRUGMAN, P. R.; OBSTFELD, M. **Economia Internacional - Teoria e Política**. São Paulo: MAKRON Books, 1999. 807p.

LÍRIO, V. S.; CAMPOS, A. C. **Do Mercosul a Alca. Impactos sobre as Cadeias do Agronegócio Brasileiro**. Vicososa. Ed. UFV, 2003. 203p.

MACHADO, J. B. ; RIBEIRO, F. J. **Mudança Cambial e Questões Estruturais**. *Revista Brasileira de Comércio Exterior*. Vol. 1, Out/dez 1999, n. 61. p.18-24.

MENON, J.; DIXON, P. B. **Measures of Intra-industry trade as indicators of Factor Market Disruption**. Center of Policy Studies and the Impact Project. General Paper. n. G-113, p.2-5, abr-1995.

MENON, J.; DIXON, P. B. **Intra-industry versus Inter-industry Trade: Relevance for Adjustment Costs**. *Weltwirtschaftliches Archiv*, Vol. 133, 1997, P. 164-169.

SALVATORE, D. **Economia Internacional**. Rio de Janeiro: LTC, 2000, p. 175-209.

SICA, D. **Mudança Estrutural, Investimento externo e intercâmbio comercial nas duas Maiores economias do Mercosul**. *Revista Brasileira de Comércio Exterior*. Vol. 1, Out/dez 2004, n. 81. p.12-31.

SILVA, M.; ILHA, A. S. **Avaliação do Padrão de Comércio Brasil-Argentina no período 1989-2001: Uma Ênfase no Comércio Intra-indústria**. *Revista de Integração latino-americana*. Vol.1, 2004, n. 01. p.99 -122.

